

CAPÍTULO I

COMO A LUA VEIO A EXISTIR

Depois da criação do mundo não tinha nada como lua ou estrelas. À noite todo o céu era preto. Nesta mesma época havia uma menina muito bonita prestes a casar com seu querido namorado.

De acordo com o costume daquela época, antes que uma moça seja oferecida em casamento, uma panela de noqueira seria cozinhada todas as noites e devida entre os parentes do futuro casal. Se mais tarde se descobre que as noqueiras estão ruins seja naturalmente ou seja por excesso ter sido cozido excessivamente, não podendo ser consumido, isso significa uma desgraça para o futuro casal, e mostra subsequentemente que o casamento seria mal sucedido e infeliz.

Por isso as famílias cuidavam por que as noqueiras para suas filhas sejam boas; da mesma maneira que elas ficavam atentas perto da panela no fogo para garantir uma boa cozinha.

Infelizmente o caso de Imola não seria nenhuma exceção se não fosse uma chuva pesada que fez entrar os guardas que estavam de vigia ao lado da panela de noqueiras da meia-noite anterior até o dia do casamento. A chuva não parou até ao amanhecer. E isso fez que o tempo seja tão frio que todo mundo teve um sonho pesado.

Todavia, isso proporcionou para a segunda mulher do pai de Imola - uma contemporânea da sua mãe - que não estava contente com a proposta de casamento por causa de ciúme e maldade - a oportunidade de sair a noite logo que as pessoas que guardavam a panela saíram, para fazer maldade. Ela tirou as cinzas do fogo, soprou sobre as brasas, jogou lenha seca e soprou várias vezes até que o fogo começou a arder terrivelmente contra a panela de noqueiras até que tudo o que estava dentro queimou.

De manhã os parentes de Imola foram ver a panela de noqueiras e que desgraça, tudo estava queimado. As pessoas que tinham começado a vigia cedo estavam estupefatos com o acontecimento e estavam cheios de medo de revelar o infeliz acontecimento aos pais de Imola. Enfim eles se decidiram. Depois de saber o que tinha acontecido, houve uma agitação no círculo da família. A família de Imola e de seu noivo choraram amargamente.

Mas para Imola era o princípio de uma tarefa maior. Ela parecia calma mas o que ela pretendia fazer estava na sua mente. Seu noivo também não pode agüentar. Quando ouviu a notícia, pulou fora e começou a chorar enquanto que as pessoas o cercavam tentando consolar-lhe. Nessa época não tinha nada parecido com suicídio.

A casa de Deus nos céus não era muito longe da terra, e demorou só alguns minutos para que as preces sejam atendidas. Imola não pode cometer suicídio, mas ela estava preparada para encontrar seu Deus, cansada que ela

estava dos atos de maldade dos homens. Então ela foi nos fundos da sua casa e olhando fixamente para o céu fez a sua prece a Deus: "Se você é meu criador envie uma corda e uma escada para me levar a você. Estou agora cansada de viver".

Deus ouviu sua prece e enviou a corda e a escada. Sem que ninguém saiba subiu rapidamente na escada ao caminho do paraíso. A meio caminho do paraíso, um homem olhou para o céu e viu ela. Ele se levantou e preveniu os pais de Imola, mas já era tarde

Quando uma coisa assim acontecia tinha uma cantiga que as pessoas cantavam para persuadir a pessoa que estava subindo ao paraíso a mudar de opinião.

O pai de Imola foi o primeiro a cantar. Ele gritou entre choros:

*" Oh Imola
Minha filha querida,
É o teu pai
Te pedindo para olhar atrás
E mudar tua decisão"*

Como resposta Imola disse: " Não nego que você seja meu pai; mas minha missão actual ao paraíso é somente para achar boas noqueira - e como não vou voltar, por favor concorda comigo que nós seremos pai e filha, um do outro, numa nova geração".

Todo mundo, inclusive a mãe de Imola falharam no seus apelos para persuadi-la a voltar, enquanto ela estava desaparecendo nas núvens azuis e brancas.

Como a noite se aproximava, o corpo de Imola diminuía mas se iluminava de um braço puro até que enfim ela se transformou em lua que nós vemos a noite até hoje.

Seu noivo também não perdeu tempo desde que todos os esforços para trazer de volta sua namorada falharam. Ele já estava no seu caminho para o paraíso. Quando el estava quase alcançando sua noiva, ele também se transformou numa grande estrela brilhante que é conhecida como a "estrela do norte" (também chamada o cão da lua na terra dos lorubás).

Desde então ele vem fazendo caminho da sua mulher (a lua), esperando que um dia eles se encontrarão e poderão se casar sem cumprir nenhuma tradição. mas a sua mulher deixou a terra um dia de viagem antes que ele a seguisse, e não conseguiu alcançá-la.

Aguçar o espírito criativo das crianças; dirigir o espírito dos jovens para o aprendizado da reflexão.

De qualquer forma, a história trará em si a oportunidade aos mais velhos de indagar às crianças, ao fim, o que trouxe de ensinamento, no sentido do que se pode ou não fazer, a fábula.

As histórias deste livro são aquelas pertencentes à tradição lorubá. Eram narradas normalmente para grupos, especialmente no passado, quando após um dia de árduo trabalho nos campos, todos se reuniam em momentos de descanso.

Em dias de hoje, com cinema, televisão, Concord e viagens à Lua longe vão os dias quando os pais lorubás, para desenvolver a imaginação e exemplar seus

filhos, os reuniam para contar estas estórias.

Algumas das estórias de animais aqui contidas desempenharam um mágico efeito em minha mente quando criança. Não esconderei o medo que senti, muitas vezes, quando tinha de caminhar por muitos quilômetros, entre a escola e a fazenda de meu pai, situada longe da cidade.

Possuindo um terrível pressentimento de que tigres poderiam emergir da floresta minhas caminhadas pela floresta não se constituíram jamais em motivo de prazer.

Eu procurei apresentar estas histórias da mesma forma como elas vêm sendo narradas ao longo do tempo, sem alterar-lhes a originalidade de qualquer forma.

Haverá uma grande diferença quanto a forma, pois os jovens de antigamente ouviam as histórias contadas pelos antigos, sob a luz da lua, nas noites do após trabalho. Os jovens de hoje poderão lê-las, também à noite, mas com a luz vindo de modernas lâmpada fluorescentes ou coloridos bulbos.

Todos os nomes humanos que aparecem não tem qualquer ligação com pessoas vivas ou mortas.

Desejo uma feliz leitura.

Mike Omoleye

Antes da chegada dos missionários europeus e dos senhores coloniais, a antiga Nação Iorubá era um reinado. A nação - escreveu o bispo Samuel Crowther - "compreendia muitas tribos, governada por seus próprios chefes e sob suas próprias leis".

Os estrangeiros que primeiro chegaram à terra Iorubá, em diversos períodos, sempre atestaram que a administração se fizera em forma soberba, desde o mais baixo nível até a escala superior, nas várias comunidades que compunham o reinado. Ali florescia, em abundância, o comércio e respeitava-se a lei e a ordem. A prosperidade era um fato.

Como registrou o reverendo Samuel Johnson: "O povo como um todo estava imbuído de um profundo sentimento religioso, reverente nas maneiras, demonstrando deferência para com os superiores e respeito à idade, sem ter sido ainda corrompido pela influência estrangeira; urbanidade intrínseca era parte de sua natureza".

Historiadores tem-se esforçado em provar que a terra nativa dos Iorubás foi em algum lugar próximo ao Egito, antes de se movimentarem até o definitivo estabelecimento em Ile-Ife - o lendário Jardim do Éden.

Não há dúvidas sobre a existência de traços característicos e emblemas que sugerem uma afinidade entre os Iorubás e aqueles povos da antiga zona do Mediterrâneo. E desde que o antigo Egito e Israel tiveram um processo de mistura de religiões, culturas e povos - não será tolice sugerir a existência de fortes traços hebraicos entre o povo Iorubá.

A Bíblia ensina que Abraão penetrou no Egito. Que Moisés lá nasceu e os eventos posteriores provaram que ele adquiriu sólidos conhecimentos e sabedoria entre os Egípcios. José, o pai adotivo de Jesus, conduziu a Sagrada Família para o Egito.

Por último, um símbolo que sugere haverem os lorubás emigrado da zona do Mediterrâneo é o Opa Oranyan (bastão de Oranyan) ainda por ser descoberto e Ile-Ife e que tem significado importantíssimo na história dos lorubás. Este escritor está convencido de que o obelisco representa a réplica lorubá da Árvore Cabalística (Árvore da Vida) do Hebreus.

A árvore foi sucintamente descrita como "A poderosamente envolvente alma de homem e do Universo". Existem três ramos saindo nas direções do centro, da esquerda e direita, com as mesmas dimensões que se tem no Opa Oranyan.

Embora Johnson tenha suposto que os caracteres do Obelisco ancestral se referem à vida e ao nome de Oranyan, estudantes de Cabalística irão recordar que as características são nitidamente Hebraicas.

A doutrina Cabalística, como filosofia da religião lorubá fala de um Ser Supremo, algumas divindades e no anverso de bons espíritos. Os lorubás também acreditam na vida do espírito após a morte e em reencarnação. Também acreditam no poder de invocar divindades intermediárias, capazes de serem porta-voz dos desejos humanos, com vistas a obtenção de favores do Ser Supremo.

É muito interessante notar-se que, assim como se lê a respeito de templos sacros na Grécia, Egito e Israel, pode-se encontrá-los em meio aos lorubás.

É lastimável que os lorubás não possuam um Livro Sagrado similar ao Alcorão ou a Bíblia. Mas pode ser dito a este respeito o mesmo que afirmou Charles Seltman com relação aos gregos, em seu livro "os doze do Olímpo": "Os gregos não foram idólatras, pois que a imagem se encontrava no oratório a sugerir divindade, mas não para receber direta devoção; e se a imagem possuía alto valor plástico ou estético ela ali se encontrava porque os gregos tinham uma invejável sensibilidade".

Assim, na religião lorubá haviam divindades como Moremi (Maria) e Ela (Cristo), que provam a existência de estreitos laços com as religiões antigas do Egito e Israel.

Os lorubás ocupavam a posição, entre os povos negros, mesma que os ingleses tinham em relação aos outros povos europeus, durante a supremacia do Império Britânico.

Amor pela independência, um sentimento de superioridade sobre todos os outros, um acendrado tino comercial, são características apontadas por Johnson, no livro História dos lorubás, aos povos do Reinado lorubá.

Infortunadamente, a estabilidade do Reino fazia-se abalar com freqüência por guerras, questões tribais, lutas fratricidas, o que culminou com a imposição de regras coloniais no país, isto com a utilização da força pelas armas e tratados com significado dúbio.

Foi ficando, apesar de tudo, uma seqüência de estórias populares que, também não escritas, passaram de geração para geração, sem perder a originalidade. Tais estórias, como em outras raças, revelam a verdadeira fonte das tradições, das superstições e crenças que caracterizam um povo.

As lendas lorubás, têm sempre por fim criar um clima que leva a uma lição de moral, pela utilização de objetos e personalidades que são comuns na vida do povo. Mas, em essência, tem por objetivo:

O respeito a Deus, divindades e tradições;

O respeito aos mais velhos;

Intimidar os jovens para que não façam justiça com suas próprias mãos;

